

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

Festival do Rio tem 'O Agente Secreto' na repescagem PÁGINA 3	Single de Marisa Monte dá o tom de sua nova turnê PÁGINA 5	Festival tem menus de café da manhã para todos os gostos PÁGINA 7
---	--	---



Recriação da vida em Brasília em 1986, 'Pequenas Criaturas' é o vencedor do Festival do Rio 2025, com seu painel de afetos

Por RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Delicada cartografia de desamparos na Brasília dos tempos da redemocratização, “Pequenas Criaturas”, de Anne Pinheiro Guimarães, foi o Melhor Filme de Ficção, do Festival do Rio 2025, encerrado no domingo no Odeon. É um painel de afetos no DF de 1986, a partir da luta de Helena (Carolina Dieckmann) para manter seus filhos unidos num contexto de solidão atroz. A cerimônia foi conduzida por Luísa Araes e Clayton Nascimento, numa toada de alto astral, assegurando a vitória de “Apolo”, de Tainá Müller e Isis Broken, na seara documental. Esse relato sobre o nascimento de um bebê fruto do amor de um casal trans fala de legitimidade de afetos num país assolado por agressão obstétrica e preconceitos variados. O longa ainda recebeu o troféu de Melhor Trilha Sonora, dado ao compositor Plínio Profeta. **Continua na página seguinte**

Divulgação



Divulgação

Ato Noturno

‘Ato Noturno’ conquista a maioria dos troféus

Os resultados foram deliberados por um júri presidido pelo distribuidor e produtor Eric Lagesse. O time julgador incluiu a roteirista Carolina Kotscho; a figurinista Claudia Kopke; a produtora executiva Elena Manrique; o curador Javier Garcia Puerto; a diretora Luciana Bezerra e a consultora de projetos audiovisuais e também produtora Paula Astorga. A primeira escolha deles a ser anunciada ao Odeon foi a láurea de Melhor Curta, confiada a duas produções: “O Faz-Tudo”, de Fábio Leal, e “Sebastiana”, de Pedro de Alencar.

Lagesse & cia. optaram por um doc, “Cheiro de Diesel”, por Natasha Neri e Gizele Martins, sobre violência militares, para receber o Prêmio Especial do Júri. É uma aula de Sociologia em tons poéticos com foco na brutalidade das instâncias de farda nas comunidades do RJ. Coube a ele ainda o prêmio de júri popular de concorrentes documentais.

Essa turma confiou ao anima-

A PREMIAÇÃO

FILME: Pequenas Criaturas”, de Anne Pinheiro Guimarães

DOCUMENTÁRIO: “Apolo”, de Tainá Müller e Isis Broken

CURTA: empate de “O Faz-Tudo”, de Fábio Leal, com “Sebastiana”, de Pedro de Alencar

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: “Cheiro de Diesel”, por Natasha Neri e Gizele Martins

DIREÇÃO: Rogério Nunes (por “Coração das Trevas”)

DIREÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS: Mini Kerti (por “Dona Onete - Meu Coração Neste Pedacinho Aqui”)

ATRIZ: Klara Castanho (por “#SalveRosa”)

ATOR: Gabriel Faryas (por “Ato Noturno”)

ATRIZ COADJUVANTE: Diva Menner (por “Ruas da Glória”)

ATOR COADJUVANTE: Alejandro Claveaux (por “Ruas da Glória”)

ROTEIRO: Filipe Matzembacher e Marcio Reolon (por “Ato Noturno”)

FOTOGRAFIA: Luciana Baseggio (por “Ato Noturno”)

MONTAGEM: André Finotti (por “Honestino”)

SOM: Ariel Henrique e Tales Manfrinato (por “Love Kills”)

TRILHA SONORA ORIGINAL: Plínio Profeta (por “Apolo”)

FIGURINO: Renata Russo (por “#SalveRosa”)

DIREÇÃO DE ARTE: Claudia Andrade (por “Pequenas Criaturas”)

MELHOR FILME PELO JÚRI POPULAR: #SalveRosa” (ficção) e “Cheiro de Diesel” (documentário)

NOVOS RUMOS: “Uma Em Mil”, de Jonas Rubert e Tiago Rubert Atala



Divulgação

Apolo



Divulgação

Cheiro de Diesel

dor Rogério Nunes o Redentor de melhor direção por “Coração das Trevas”, que evoca “Apocalypse Now” nas periferias de um RJ futurista. Já o Redentor para a realização de documentários foi para Mini Kerti por “Dona Onete - Meu Coração Neste Pedacinho Aqui”.

Nas searas de atuações inspiradas, teve um Redentor para Klara Castanho, por “#SalveRosa”, que ganhou ainda o troféu de júri popular e o prêmio de melhor figurino com foco numa celebridade adolescente da web que se descobre manipulada. A láurea de Melhor Ator foi para Gabriel Faryas por “Ato Noturno”.

Esse foi o limpa-trilho da noite, com vitórias de Melhor Roteiro e Melhor Fotografia. Coube a ele ainda a láurea de simbolismo Queer, o troféu Félix. Essa estatueta foi atribuída ainda à animação australiana “A Sapatona Galáctica”, de Leela Varghese e Emma Hough Hobb. Esse dois títulos estrearam na Berlinale e repetiram no Rio o alto teor de mobilização pop, no debate contra o moralismo, que expressaram

em solo alemão, em fevereiro.

Na escolha das melhores interpretações coadjuvantes, venceram Diva Menner e Alejandro Claveaux, ambos favoritos absolutos dessa categoria por seus desempenhos estonteantes em “Ruas da Glória”, de Felipe Sholl. É um painel da busca pelo prazer.

Atribuído por um júri presidido pela produtora e documentarista Beth Formaggini, o troféu Novos Rumos, que contempla um coletivo paralelo de curtas e de longas, foi dado a “Uma Em Mil”, de Jonas Rubert e Tiago Rubert Atala. Sua narrativa vem de uma fala lugar comum: é normal dizerem que “uma em mil” são as chances de uma pessoa nascer com Down. Este filme é dirigido por dois irmãos, e o mais jovem tem a síndrome. Juntos, eles tentam entender a realidade que os cercam.

Terminado o Festival do Rio, as atenções do planisfério cinéfilo se voltam para a 49ª Mostra de São Paulo, que abre as telas paulistanas a partir desta quarta-feira, com a projeção de “Sirâr”, do galego Oliver Laxe.

Divulgação



Dois Procuradores

Divulgação



Um Poeta

Divulgação



Fernão de Magalhães

Divulgação

Gostinho de quero mais

De hoje até quarta, o circuito Estação se mobiliza na repescagem da maratona cinéfila carioca, incluindo o oscarizável 'O Agente Secreto'



Homo Argentum

Cinema Scopio



O Agente Secreto

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Acabou ontem o tempo regulamentar do Festival do Rio, mas começa a Repescagem do evento, com direito à projeção de “O Agente Secreto” nesta terça-feira, às 21h30, no Estação NET Botafogo, a fim de expandir a acolhida calorosa da população carioca ao nosso potencial oscarizável. Além da sala nobre da Voluntários da Pátria nº 88, o Estação NET Rio 5 e o Estação Gávea 2 e 5 vão estar a serviço dessa prorrogação até quarta. A boa de hoje é um thriller jurídico russo avesso a Putin: “Dois Procuradores”, de Sergei Loznitsa.

É possível ver essa trama plúmbea esta noite, às 19h, no Estação NET Botafogo. Sua narrativa se passa na União Soviética de 1937. Milhares de cartas

de detidos falsamente acusados pelo regime são queimadas em uma cela de prisão. Contra todas as probabilidades, uma delas chega ao seu destino: a mesa do recém-nomeado promotor local, Alexander Kornev. Ele faz todo o possível para encontrar o prisioneiro, uma vítima de agentes corruptos da polícia secreta, a

NKVD. Bolchevique dedicado e íntegro, o jovem promotor suspeita de um jogo sujo. Sua busca por justiça o levará até o gabinete do procurador-geral, numa capital engessada pela burocracia.

Nesta terça, a boa do dia vem das Filipinas e passa às 16h30, também no Est. Botafogo 1: “Fernão de Magalhães”, de Lav Diaz.

O realizador de “A Mulher Que Se Foi” (Leão de Ouro em 2016) recria os últimos meses da vida do explorador português Fernand de Magellan, que morreu na Ásia em 1521. O resultado é um retrato íntimo e assustador de um homem confrontado com suas trevas internas. A entrega do ator Gael García Bernal ao papel é um primor.

Para quarta, a Repescagem reservou o fenômeno comercial portenho “Homo Argentum”, comédia que contabilizou 1.080.000 ingressos vendidos em suas duas primeiras semanas em cartaz na Argentina de Javier Milei. A exibição está marcada para 16h30 deste 15 de outubro. Guillermo Francella, astro de “O Clã” (2015) e da série de sucesso “Meu Querido Zelador” (2022-2024), dá o ar de sua graça ao se dividir (com ardor) entre 16 personagens num mosaico de retratos da vida de seu país. A direção é de Mariano Cohn e Gastón Duprat, a dupla por trás de “O Cidadão Ilustre” (2026).

Às 21h de quarta, no NET Rio 5, rola uma chance de o Rio curtir “Um Poeta”, vencedor da competição Horizontes Latinos de San Sebastián, com CEP na Colômbia. Simón Mesa Soto é o diretor por trás desse longa-metragem filmado em Medelín que estralhou corações em Cannes, onde ganhou o Prêmio do Júri na seção Un Certain Regard seguindo os passos de um trovador em crise.

Só Ozon para salvar a pátria



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Saber que o novo François Ozon, “O Estrangeiro” (“L’Étranger”) tornou-se um dos hits do 27º Festival do Rio, o que lhe assegura uma sessão extra, na repescagem do evento, nesta terça-feira (no Estação NET Gávea 5, às 21h30), é tudo menos surpresa diante da popularidade dele em telas brasileiras. Há 25 anos, desde a exibição de “Sob a Areia” (2000) no circuito Estação, o Brasil tem o cineasta parisiense como um xodó, algo que mais uma vez se confirma com o êxito local de o seu novo exercício autoral – talvez o mais arriscado da sua obra – que estreia em sua pátria natal no dia 29 de outubro, de olho em indicações ao César, o Oscar francês.

A elogiosa carreira do longa-metragem em Veneza, onde concorreu ao Leão de Ouro, firmou seu prestígio, o que pode ser estratégico para elevar as receitas das cadeias exibidoras da terra de Emmanuel Macron num ano receitas magras para as produções francófonas. O blockbuster nº 1 da França, de janeiro até agora, “Les Tuche: God Save the Tuche” (estrelado pelo Didi Mocó do Velho Mundo, Jean-Paul Rouve), vendeu 2.992.984 tíquetes, o que é pouco para o padrão de lá. “Existem muitos cinemas dentro do cinema francês, mas o que talvez me diferencie é o interesse pelas pequenas situações do quotidiano: elas engrandecem qualquer pessoa”, afirmou o cineasta de 57 anos ao Correio da Manhã, no Festival de San Sebas-

Num 2025 de bilheteria magras para a França, o novo longa do bem-sucedido diretor parisiense, que também faz parte da repescagem do Festival do Rio, pode elevar as receitas de sua nação



Divulgação

Indicado ao Leão de Ouro de Veneza, ‘O Estrangeiro’ pode levar François Ozon ao César, o Oscar francês

tián, há um ano, quando iniciava a produção de “O Estrangeiro”, consagrando-se em solo espanhol ao ganhar o prêmio de Melhor Roteiro por “Quando Chega o Outono”, já lançado por aqui.

Esse misto de filme de mistério e drama crepuscular sobre maternidade foi prestigiado por 674 mil pagantes em terras francesas. Antes dele, “O Crime É Meu”, de 2023, vendeu um milhão e noventa e um mil ingressos. Embora alterne narrativas mais espinhosas (como “Está Tudo Bem”, sobre finitude e eutanásia) com exercícios de gênero sem medo de ser comercial (como a comédia “Po-

tiche”, que vendeu 2,3 milhões de entradas), Ozon é sempre a maior diversão, não só para seu público, como para distribuidores e exibidores. “8 Mulheres” foi blockbuster, em 2002, com 3,5 milhões de entradas vendidas, e “Dentro da Casa” (2012) passou a marca do milhão também, além de conquistar a Concha de Ouro. Ele não só faz sucesso nas bilheteria, como ganha prêmios.

A atração da vez de sua lavra nasce do romance homônimo de Albert Camus (1913-1960) e carrega a forte carga filosófica do escritor. “O Estrangeiro” (1942) foi adaptado para o teatro no

Brasil no início dos anos 2000 e reconfigurou a carreira do ator Guilherme Leme Garcia. Já em 1967, tinha sido levado ao cinema por um mestre, Luchino Visconti (1906-1976), com Marcello Mastroianni (1924-1996) como protagonista. Em 2024, em entrevista ao Correio de Manhã em solo basco, Ozon antecipava já detalhes do projeto: “Costumo sonhar com aquilo que estou a filmar e, nos sonhos, quase sempre, surgem-me soluções para o que planeio fazer”, disse o cineasta.

Fiel a Camus, o seu “L’Étranger” decorre em Argel, em 1938, onde Meursault, um funcionário

discreto e modesto na casa dos trinta, comparece ao funeral da mãe sem derramar uma lágrima. No dia seguinte, envolve-se num romance casual com uma colega, Marie, e retoma rapidamente a sua rotina, sem enfrentar o luto. Contudo, a sua vida quotidiana é logo perturbada pelo vizinho, Raymond Sintès, que o arrasta para os seus negócios obscuros — até que, num dia de calor extremo, ocorre um acontecimento trágico numa praia. Quem conhece Camus (ou as versões anteriores do seu best-seller) sabe tratar-se da morte de um árabe. O tema, associado a um país como a França, reabre a ferida da xenofobia, regando-a com os acordes da canção “Killing An Arab”, do The Cure.

Ao seguir este caminho, apoiado no carisma do ator Benjamin Voisin (com quem já trabalhara em “Verão de 85”), no papel de Meursault, Ozon envereda por um terreno político distinto daquele que habitualmente explora através da sua estética queer (a luta contra a intolerância e a homofobia). Já o fizera em 2019, com “Graças a Deus”, denunciando abusos sexuais cometidos por padres católicos — obra que lhe valeu muitos inimigos na Igreja, mas que catapultou a sua carreira para um patamar diferente de prestígio, coroado com o Grande Prêmio do Júri da Berlimale.

“Não estou preocupado em ganhar o Óscar, nem espero reconhecimento de prêmios. A minha preocupação mais genuína é proporcionar ao público uma experiência inesperada em cada filme. Gosto do set, adoro trabalhar, e por isso estou sempre ocupado a criar”, afirmou Ozon ao Correio em San Sebastián, quando “O Estrangeiro” ainda estava em fase de gestação.

Na torcida pela consagração de “O Estrangeiro” no apreço do público, a França busca exportar outros dois filmes de sua indústria que passaram da marca do milhão do primeiro semestre para cá: “Ma Mère, Dieu Et Sylvie Vartan” (com 1.506.916 bilhetes vendidos em cartaz) e “Un Ours Dans Le Jura” (prestigiado por 1.473.871 pagantes).

Na onda da nova turnê

Single ‘Sua Onda’ revive parceria de Marisa Monte com os tribalistas Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown e dá o tom de seu novo espetáculo

Por Affonso Nunes

Marisa Monte prepara o terreno para a turnê “Phonica - Marisa Monte & Orquestra Ao Vivo” com o lançamento de “Sua Onda”, uma composição inédita que reúne a cantora com os parceiros de longa data Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes, seus colegas de Tribalistas A produção ficou a cargo do argentino Gustavo Santaolalla, músico e produtor vencedor de dois Oscars, conhecido por trilhas sonoras como “Babel” e “Brokeback Mountain”.

A colaboração entre Marisa e Santaolalla não é inédita.

Leo Aversa/Divulgação



Marisa Monte conta que a canção nasceu de frente para o mar do Sul da Bahia

Os dois já haviam trabalhado juntos no espetáculo “Café de Los Maestros” e o produtor contribuiu com violões na faixa “Ainda Bem”. Desta vez, porém, a parceria se aprofunda e o argentino assume integralmente a produção da nova canção.

“Esta é uma parceria com Carlinhos e Arnaldo que nasceu de frente para o mar, no ano passado, no sul da Bahia”, conta Marisa Monte. “Nesta turnê do Phonica, eu queria ter algo inédito e escolhi essa canção para realizar o antigo desejo de trabalhar mais uma vez com meu amigo Gustavo Santaolalla, desta vez como produtor”, explica Marisa.

Santaolalla tocou quase todos os instrumentos, além de assinar o arranjo. E sugeriu ainda a participação da Budapest Scoring Orchestra. “Fizemos uma gravação remota, ele em Los Angeles, eu no Rio e a orquestra em um estúdio na Hungria, numa experiência que a tecnologia nos proporcionou de conexão, compartilhamento e sintonia”, destaca a cantora.

Para Santaolalla, a oportunidade representa a realização de um sonho antigo. “Sou fã da Marisa há muitos anos, e a oportunidade de colaborar em sua música é realmente a realização de um sonho. As suas composições, sua voz e sua interpretação falam diretamente ao meu coração e são uma fonte constante de inspiração”, declara o produtor.

A turnê “Phonica” promete ser uma experiência única, unindo a voz de Marisa a uma orquestra sinfônica de 55 músicos sob regência do maestro André Bachur. As apresentações acontecem em Belo Horizonte (18/10), Rio de Janeiro (1º/11), São Paulo (8/11), Curitiba (15/11), Brasília (29/11) e Porto Alegre (6/12).

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Tem axé no samba

Ivete Sangalo lança “Por Inteiro” em parceria com Péricles. A faixa dá continuidade ao projeto “Ivete Clareou” em que a cantora homenageia o samba. “É o tipo de convite que a pessoa pergunta se você pode estar com ela certo dia e certa hora. Certos convites não são convites, são intimidades”, celebra o sambista. “O som que a Ivete faz tem tudo a ver com o samba, o nosso samba e o nosso pagode”, completa Péricles. O projeto completo terá também ainda as participações de Jorge Aragão, Maria Rita e Belo.

Divulgação



Arthur Rodrigues/Divulgação



O neto do Pagodinho

Zeca Pagodinho lança “Fé e Esperança” em dueto com o neto Noah, de 15 anos, em sua primeira experiência em estúdio. “Meu avô me ouviu cantando ‘Lama nas Ruas’ e achou que eu poderia gravar uma música com ele”, conta o jovem. Zeca afirma que a música fala das mazelas e da esperança de um mundo melhor. “Ele (Noah) representa esse futuro”, destaca o aclamado sambista, demonstrando otimismo em relação ao herdeiro musical. O single, composto por Zé Roberto e Adilson Bispo, está disponível nas plataformas digitais.

Vikki Dessaune/Divulgação



Estética oitentista

A tecladista e produtora Thaysa Pizzolato lança “Syzygy”, EP instrumental de cinco faixas com estética oitentista e experimentação eletrônica. “Esse trabalho nasce de um estudo profundo sobre timbres e texturas sonoras. Cada colaboração com as instrumentistas convidadas trouxe novas possibilidades, expandindo meu próprio universo sonoro”, explica a artista capixaba, vencedora do Prêmio da Música Capixaba no ano passado. O projeto colaborativo conta com participações das instrumentistas Maressa Machado, Mariana Gruvira, Nana Arrivabene e Heviny Moura.

Paulo-Roberto Andel

Literatura: é ou não é?

O assunto já foi debatido centenas de vezes, as redes sociais fervilham e os pretenso proprietários da verdade apontam seus canhões para os opositores. Mas não há como deixá-lo de lado. Afinal, o que é ou não é literatura?

O mais novo capítulo desse debate interminável começou em setembro passado. A polémica da vez foi iniciada pela professora aposentada da USP, Aurora Bernardini, que declarou que obras de autores como Itamar Vieira Júnior, Helena Ferrante e Annie Ernaux não seriam “literatura”.

A afirmação gerou um amplo debate no meio literário e uma provocação para discutir os critérios que definem o que é e o que não é literatura.

Na opinião de Bernardini, a ficção contemporânea muitas vezes prioriza o enredo (o “o quê” da história) em detrimento da forma e da maneira como a história é contada (o “como”).

Para Bernardini, o que se vê hoje são histórias mais próximas de relatos, e a literatura de verdade exigiria um maior cuidado com a inventividade e a brincadeira com as palavras, um refinamento do estilo. Claro, a declaração gerou reações acaloradas, com outros profissionais e leitores defendendo os autores mencionados e questionando os critérios de Bernardini, consagrada intelectual e professora de vasta carreira.

Anos atrás, o poeta Carlipto Azevedo cunhou uma frase que pode ser definitiva para leitores de toda espécie. Disse basicamente o seguinte: “Eu não sou vigia da poesia alheia”. Aliás, no próprio campo poético, o consagrado Carlipto é

bastante criticado por poetas expressivos da vanguarda brasileira, por supostamente pertencer a um grupo de controle das premiações literárias no Brasil, que impede a ascensão de talentos não ligados às grandes corporações, com nomes como os de Manuel da Costa Pinto.

Juntando essa colcha de retalhos, a conclusão simplória do leitor comum é também surpreendente: a ascensão de grandes talentos literários é deveras escassa e, quando acontece, eles não necessariamente são “literatura” (ou “poesia”).

Que o mercado editorial brasileiro é elitista e sectário, não resta a menor dúvida. Quanta gente boa por aí publica de forma subterrânea, sem a menor expectativa de apoio ou divulgação? Muita gente mesmo.

Agora, uma outra reflexão é também necessária, aliás inevitável: por mais que se busque a excelência, só a literatura reconhecida e chanceada pelos grandes próceres é a que vale? Não é possível que existam livros honestos e interessantes que não passem necessariamente pelos ditames da linguagem vanguardista ou do desafio linguístico? Ou a dita literatura se encontra num Olimpo para muito poucos acessos dos seres ditos humanos?

Nunca me esqueço do quebra pau de Truman Capote contra Jack Kerouac, acusando-o de não fazer literatura mas datilografia. O tempo mostrou quem era quem. Quase setenta anos depois de “On the Road”, Kerouac ainda dá as cartas para milhões de leitores pelo mundo afora.

Prêmio Camões de 2025 vai para poeta angolana Ana Paula Tavares

Autora se destaca pelo olhar atento aos grandes desafios contemporâneos da África, do Brasil e de Portugal

Divulgação

A poeta e historiadora angolana Ana Paula Tavares venceu o Prêmio Camões 2025, o mais importante reconhecimento literário da língua portuguesa. Aos 72 anos, Tavares é autora de livros que transitam por diversos gêneros.

“Procuro dizer Angola de todas as formas possíveis deixando que o eco das palavras se entreteça de uma memória antiga fundadora e, ao mesmo tempo, com os pés bem assentes na terra adivinhar o futuro. Assim, a geografia é feita de sul e Angola amplia esse sentimento de pertença, que me permite escutar para só depois dizer. O verso declina-se sob a razão de Angola, uma forma de existir e escrever”, disse a autora ao repórter Rodrigo Fonseca em entrevista ao Correio publicada em dezembro de 2023.

Nesta mesma entrevista, ela declarou aos autores brasileiros. “A poesia brasileira foi sempre água, remédio e caminho. Também nos poetas homens, de Drummond a Manoel de Barros... ou João Cabral de Melo Neto. As vozes femininas que tomam conta de mim são: Adélia Prado, Ana Cristina César, Hilda Hest, Conceição Evaristo. A poesia surpreende-me sempre e as novas vozes que ando a ler também, como Warsan Shire e tantas outras poetisas africanas como Conceição Lima”, comentou.

A autora foi escolhida por um júri internacional que destacou, em nota, a “fecunda e coerente trajetória de criação estética” e o “resgate de dignidade da Poesia” em sua obra.



Destaque da nova poesia em língua portuguesa, a angolana Ana Paula Tavares admira os autores brasileiros

Doutora em Antropologia da História pela Universidade Nova de Lisboa (2010), Mestre em Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ela publicou pérolas como “O Sangue da Buganvília”, “O Lago da Lua”, “Dizes-me Coisas Amargas Como Os Frutos”, “Manual Para Amantes Desesperados”, “Ex-Votos”, “A Cabeça de Salomé”, “Os Olhos Do Homem Que Chorava No Rio” (em parceria com Manuel Jorge Marmelo), “Como Velas Finas Na Terra”, “Ritos de Passagem” e “Um Rio Preso nas Mãos” - este, um volume de crônicas publicado no Brasil pela Kapulana. A autora também integrou a recente coletânea poética “Verbetes para um Dicionário Afetivo”, da Pallas.

Ao comentar a escolha, a ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes, afirmou que premiar Ta-

vares é “celebrar a força e a beleza da literatura lusófona”.

A premiação, no valor de 100 mil euros (cerca de R\$ 590 mil reais), é concedida conjuntamente pelos governos do Brasil e de Portugal à autora pelo conjunto de sua obra. A entidade brasileira responsável pela premiação é a Biblioteca Nacional, presidida pelo poeta Marco Lucchesi, que destacou o olhar da autora como atento aos grandes desafios contemporâneos da África, do Brasil e de Portugal.

Concedido desde 1989, o Camões já premiou 15 autores brasileiros. São eles: João Cabral de Melo Neto (1990), Rachel de Queiroz (1993), Jorge Amado (1994), Antonio Candido (1998), Autran Dourado (2000), Rubem Fonseca (2003), Lygia Fagundes Telles (2005), João Ubaldo Ribeiro (2008), Ferreira Gullar (2010), Dalton Trevisan (2012), Alberto da Costa e Silva (2014), Raduan Nassar (2016), Chico Buarque (2019), Silviano Santiago (2022) e Adélia Prado (2024).

Divulgação



SHERATON GRAND RIO HOTEL RESORT

Divulgação



SHERATON GRAND RIO HOTEL RESORT

Café da manhã para todos os bolsos

Até o dia 26, hotéis, cafeterias, padarias gourmet e boulangeries artesanais por toda a cidade oferecem experiências culinárias no Breakfast Weekend

Por Affonso Nunes

A chegada da segunda edição do Breakfast Weekend ao Rio é um convite irrecusável para que moradores e visitantes explorem a rica cena gastronômica da cidade através de uma das refeições mais apreciadas do dia: o café da manhã. Até o dia 26 de outubro, hotéis, cafeterias, padarias gourmet e boulangeries artesanais por toda a capital fluminense em palcos para experiências culinárias singulares.

O festival reacende o prazer de

Divulgação



INTERCITY HOTEL

O festival Breakfast Weekend oferece menus variados a preços acessíveis em hotéis, restaurantes, padarias gourmet e boulangeries espalhadas pela cidade

Daniela Berzuini



M GALLERY

Frederico Jader



NOVOTEL BOTAFOGO

um desjejum bem elaborado, com sabor e afeto, em opções que se encaixam em diversos orçamentos, dando ao público a possibilidade de vivenciar a cultura do café da manhã de uma forma renovada, explorando a diversidade e a criatividade

dos estabelecimentos locais.

Os estabelecimentos participantes na cidade criaram menus especiais disponíveis em cinco faixas de preço distintas – R\$ 39,90, R\$ 49,90, R\$ 59,90, R\$ 89,90 e R\$ 129,90 - com descontos que

podem chegar a 30% sobre os valores habituais.

Entre os nomes de destaque que aderiram a esta jornada gastronômica no Rio estão o MGallery, conhecido por sua elegância e serviço impecável, que promete

uma experiência de requinte; o Yoo2 – Tapestry Collection by Hilton, que oferece uma vista deslumbrante da orla; o Sheraton Grand Rio Hotel & Resort; e a tradicional Padelli Panetteria Ipanema, um refúgio para os amantes de pães e doces frescos, que remete à culinária artesanal.

Cada um desses espaços, reconhecidos por suas atmosferas distintas e excelência culinária, está preparado para oferecer tanto opções em sistema de buffet, com uma vasta seleção de itens para todos os gostos, quanto combos cuidadosamente elaborados, que prometem uma experiência completa.

“Mais do que um festival repleto de sabores diferentes, o evento é sobre descobrir lugares inesperados, como um hotel que serve café da manhã para quem não está hospedado, um cantinho aconchegante, uma varanda gostosa para curtir ao ar livre, casas pet friendly, e por aí vai”, explica Carlos Galvão, um dos idealizadores e organizadores do Breakfast Weekend.

Sob o tema “Sabores do Brasil”, o festival estimula os estabelecimentos participantes a mergulhar na rica culinária brasileira. A ideia central é apresentar um panorama das tradições gastronômicas nacionais, das especialidades regionais às releituras inovadoras de pratos clássicos, que surpreendem o paladar com combinações inusitadas e técnicas modernas.

Mas essas experiências não resumem ao horário do café matinal, valendo como um brunch tardio ou um café da tarde reforçado.

Além do Rio, o Breakfast Weekend está sendo realizado em São Paulo e Curitiba. Organizações como a Visit Rio, Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH-RJ) e Sindicato de Hotéis e Meios de Hospedagem (Hotéis Rio) endossam o projeto.

SERVIÇO

BREAKFAST WEEKEND

Até 26/10

Valores entre R\$ 39,90 e R\$ 129,90

Informações: www.breakfastweekend.com.br

Rio, seu lindo!*

A cidade que pulsa e, no impulso, se descortina para as câmeras como musa, como modelo, como protagonista que é.

Você, meu caríssimo leitor, assim como eu, é apaixonado pelo Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa da beleza e, algumas vezes, precisamos concordar com a Fernanda e com o Fausto; é purgatório do caos. Bebo na fonte de Nelson Pereira dos Santos, em um Rio de 40º à sombra, nos personagens encantadores, nos cenários paradisíacos e nos olhos de Zé Ketí, a voz do morro, sim senhor.

O samba natural do Rio, da alegria, do gingado e da Tia Ciata _ bênção madrinha _, a cidade que pulsa e, no impulso, se descortina para as câmeras como musa, como modelo, como protagonista que é. O Rio é fotogênico, o Rio é instagramável.

Qual cidade do mundo você se banha nas águas límpidas de Ipanema, coladinho às românticas 'Dunas da Gal', iluminadas por um sol de quase dezembro, e retira os cristais de sal, que teimaram eu dourar seu corpo, na próxima curva da Dona Castorina, no Silvestre ou nas Paineiras? Talvez na Fortaleza de José de Alencar onde "a virgem dos lábios de mel" se banhava em seu litoral e tirava o sal na Bica do Ipu.

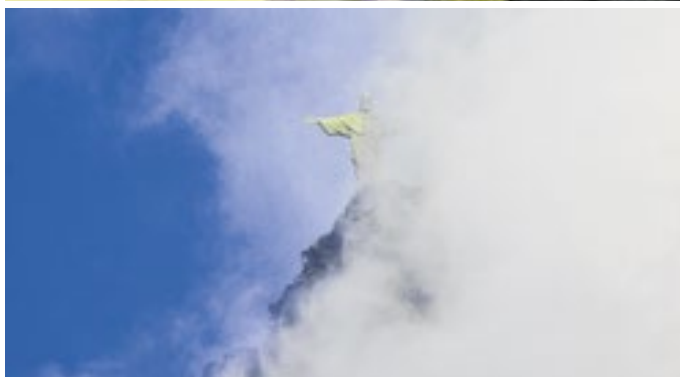
A cidade das moças coloridas pelo sol, da Portela e do Manto Sagrado rubro-negro, do aplauso ao pôr do sol, das noites enluaradas. Dos braços e abraços, abertos sempre sobre e na Guanabara. É o Rio 'irmão', é de copo e de cruz, é de bênção, de aleluia, de saravá e muito axé.

Fotografável, instagramável, redes sociais, insuperável em tanta beleza que 'arrombam as retinas' e os diafragmas. Brilha nas telas-celulares, sempre ao alcance das mãos e sutis toques de dedos, nas mais leves e incríveis selfies em que o plano de fundo invariavelmente protagoniza a cena.

Vai 'irmão', pega esse avião de encantamento, olha o sol no firmamento, batuca um samba e dá um gole para o santo. 'Ritmiza' na palma da mão aquele ponto p'ro Seu Zé e p'ra Navalha bem debaixo dos Arcos da Lapa. Voa pelo circo com mais uma do Caê e já é hora de olhar para cima e ver a cor que o Redentor ostenta esta noite.

E noite adentro vai, maravilhosamente envolvente, encimada pela lua de São Jorge, Ogum e Oxóssi em suas matas; padroeiros, inspiração ecumênica, em suas enormes pedras de Xangô.

A cidade que, em ângulos controversos se tornam versos da poesia mais iluminada.



*Esta crônica é dedicada a Marceu Vieira, menino de Morro Agudo, jornalista, compositor, escritor e rubro-negro mais carioca e doce que conheci.